

CANTO DE VITÓRIA (SL 76)

Daniel Piva

Este salmo trata especificamente sobre como o poder de Deus se revela como instrumento de julgamento para todos os homens.

A grande maioria dos comentaristas é concorde em tratar este salmo como sendo do período do cerco de Jerusalém, empreendido pelo rei assírio Senaquerib, em 701 aC (2Rs 19; Is 37). Este contexto é de particular importância, pois ele é decisivo na vida de Judá.

1ª Parte (versos 2-4)

Nesta primeira parte, vemos o material introdutório do Salmo. Vários elementos marcantes são citados, tais como, o que se sabe a respeito de Deus, onde ele está, qual o seu raio de ação e alguns dos seus feitos. A partir destes elementos, temos como que uma “imagem” de Deus, ou de alguns de seus atributos que merecem destaque para o tema em questão.

O fato de Deus “ser conhecido em Judá”, aponta para a centralidade da vida do povo de Israel. Tanto que temos a expressão bíblica “Leão de Judá” relacionada a este lugar, ressaltando a importância desta região. É interessante notar que as colocações feitas sobre a pessoa divina são muito parecidas com a de um rei. Deus é visto não somente como uma figura de adoração, mas também de ações práticas, como é próprio de um governante.

Em Judá, Deus não é conhecido meramente de um modo intelectual, como se fosse um conceito, mas sim “vivenciado” pelo povo. Toda a vida cotidiana estava permeada de suas verdades e das histórias de seus feitos na história dos homens.

Assim, a mensagem deste salmo não seria novidade para os ouvintes, antes, teria o caráter memorial. Certamente, ao ouvirem tais declarações iniciais todas as histórias se tornariam vivas na mente e coração dos que ali estivessem presentes.

Devido ao contexto deste salmo ser difícil para Israel, há ainda mais razão para um tema como este, pois em um momento de incertezas, abatimento, prejuízo era imprescindível que Israel se lembrasse do passado e de quem poderia ajudá-los no presente e no futuro.

É bem verdade que historicamente esta batalha foi perdida. Entretanto, o salmo não sofre de um anacronismo, pois o que pretende é justamente ir além do momento vivenciado por Israel, fazendo com que o povo olhasse para o futuro. A batalha pode estar perdida, mas não a guerra. Este tema inclusive será retomado na última estrofe.

2ª Parte (versos 5-7)

O inimigo é descrito como sendo forte e poderoso, em direto contraste com o fato de ele vir a ser vencido. Apesar de uma linguagem bastante eufemística, o autor descreve como o inimigo temido está vencido e não há nada que ele possa fazer.

Apesar de toda a valentia e capacidade do inimigo, ele está incapacitado de utilizar-se de todos os seus recursos. Não faltam armas ou homens, mas lhes falta o que há de mais precioso em um guerreiro: a vontade de lutar.

Israel haveria de experimentar uma terrível derrota sentida na pele. Esta mensagem tem justamente o objetivo de confortar ampliando os horizontes do povo para ver que por maior que seja seu inimigo, Deus ainda o pode vencer quando quiser e certamente o fará.

O autor do Salmo 76 chega mesmo a descrever os instrumentos de guerra (carros e cavalos). Isto vem reforçar ainda mais a idéia de que Israel não poderia se deixar guiar por vista, mas pela fé. Ao verem o carro, não deveriam temer com se aquilo simbolizasse o fim de tudo. O carro e o cavalo não triunfariam perpetuamente.

Todo contraste gira em torno de Deus e os vários elementos de que o inimigo é composto. Deus é apresentado como sendo “temível”. O leitor ou ouvinte deste salmo deveria estar plenamente certificado de que se alguém deveria ter medo, este deveria ser o inimigo e não seu povo.

Deste modo, o caráter punitivo, disciplinar e didático de Deus fica ainda mais acentuado. Israel poderia avaliar com exatidão a dimensão das conseqüências de seu pecado na exata medida de sua destruição, mas não aniquilação.

Ao mesmo tempo em que Deus castiga, ele também conforta para que o castigo seja suportado e cumpra o seu papel didático. Ao mesmo tempo em que utiliza a força do inimigo, se mostra superior a ela, podendo controlá-la em todos os aspectos. Israel deveria saber que é Deus o senhor da história e não o acaso.

3ª Parte (versos 8-10)

A realeza e poder divinos são destacados pelas coisas que acontecem de forma imediata, isto é, sem nenhuma intervenção do homem. No versículo 8 temos o termo “subsistirá”. É justamente esta atitude que nenhum homem está apto a realizar. Pode parecer que temporariamente sim, mas finalmente não. Ainda que o exército vença, ele não permanecerá vencedor.

Este termo indica que pode haver alguma tentativa no sentido de fazer frente ao que Deus tem determinado. Na verdade, do ponto vista assírio, a vitória sobre Israel seria uma conquista considerável, pois Israel apesar de não ser o que se podia chamar de povo temível, seria um troféu já ter vencido grandes exércitos.

O salmista se vale de elementos da natureza para descrever a amplitude desta ira. Ao citar céu e terra, especificamente nesta ordem, demonstra de um modo pictórico ao

mesmo tempo a inteireza dos elementos em sua completude, e também a procedência: do céu (onde Deus está) para a terra (onde o homem está).

Assim como Deus havia criado todas as coisas com seu poder, com este mesmo poder abala sua criação quando se faz necessário. É claro que no v. 9 vemos uma linguagem poética que não pode ser interpretada de um modo literal.

Contudo, a essência dos termos deve ser observada. Esta essência de significado demonstra que Deus é soberano dono de todas as coisas, inclusive dos elementos da natureza. Então, o que não dizer da humanidade, e principalmente um exército que faz mal ao seu povo?

É no v. 10 que todo o espetáculo narrado ganha o seu real significado. Neste ponto, todas as atitudes de Deus se explicam. Por fim, apesar de toda a atitude de Israel, Deus ainda haverá de vingá-los, com base na justiça divina.

O castigo para Israel é passageiro, bem como a vitória do inimigo; mas a vingança é eterna e implacável. Deus esteve dirigindo todas as coisas durante o tempo todo, ainda que do ponto de vista do oprimido, pareça que há uma demora na ação divina.

É preciso entender-se aqui que o termo “humildes” não é necessariamente sinônimo de pobres, mesmo porque havia pessoas de todas as classes incluídas em Israel. Nisto se vê como Deus trata os altivos de coração. Tanto o israelita como o inimigo iam aprender isto da pior forma: a guerra. Em contrapartida, o que se curva diante de Deus, reconhecendo-o como tal, tem a sua salvação assegurada pelo Deus poderosíssimo, como é apresentado aqui.

4ª Parte (versos 11-13)

O tema ira ainda se mantém no verso 11. Deus é apresentado de uma maneira na qual está totalmente acima de qualquer atitude de qualquer homem. Até mesmo os esforços mais empenhados, ou todo o sentimento de ira não são o suficiente para que Deus seja minimamente atingido, ou se prejudique na sua ação contra o inimigo.

Aquilo que é de mais próprio da natureza humana, o sentimento contrário às atitudes divinas, seria a própria vestimenta de Deus, como descrito nesta expressão “te cinges”. Deus e seu poder são louvados em qualquer circunstância, pois todas elas são causadas por ele próprio.

A presença do v. 12 é bastante interessante. Em uma primeira análise, parece estar totalmente fora de contexto, como se fosse um adendo posterior ao próprio salmo. Este fato fica acentuado, tendo em vista que agora se espera uma atitude do homem. Até este ponto, não havia sido mencionada nenhuma atitude humana, ou demanda para tal.

Toda ênfase do salmo está na pessoa de Deus, e em suas atitudes. Justamente por estas atitudes de juízo, é que finalmente é exigida uma resposta do homem. Apenas com as afirmações feitas, certamente o leitor já teria uma noção do que lhe caberia fazer; entretanto, claramente lhe é demandada uma atitude de contínua fidelidade a ele.

A força do tempo verbal pode ser transmitida através da seguinte paráfrase: ‘estejam sempre firmando compromisso e continuamente os cumpram de modo integral’.

O termo “presentes” não parece estar associado à alguma “oferenda” específica, muito menos como eram oferecidas aos outros deuses das outras nações. O que parece estar em questão aqui é, segundo os próprios limites do texto, o fato de Deus é que precisa ser temido e não os homens, tanto que é este epíteto finaliza o versículo.

A natureza desta oferta é muito mais no campo conceitual do que físico, principalmente quando se tem em mente que até as ofertas de ordem física (sacrifícios, ofertas pacíficas, etc.), tinham por trás de si um aspecto espiritual.

Esta oferta seria a humildade, a devoção, o reconhecimento de quem é Deus e tudo o que isto acarreta. Igualmente, o louvor, a adoração e as atitudes de integralidade de vida. Isto parece ficar ainda mais acentuado, quando se vê a expressão ‘Ele ceifará, o espírito dos príncipes’ no v. 13 que, não é sem sentido, conclui o salmo. Se algum leitor, por algum motivo, ainda não tivesse entendido qual objetivo de Deus em toda esta narrativa, aqui está a explicação cabal.

De modo que o v. 12 não está fora de lugar nem de contexto; na verdade é para ele que todo o salmo converge e culmina.

Conclusão

O salmo fala de uma derrota temporária de Israel, por causa do seu próprio erro, o pecado da idolatria. Um rei estrangeiro seria o instrumento divino do castigo didático-disciplinar.

Como verdadeiro Deus e rei de Israel, ele não abandonaria seu povo, pelo contrário, faria com que esta situação ainda se revertesse para glória do seu nome, testemunho perante as nações, e bem-estar de seu povo.

Daniel Piva

Rua Do Salto, 53 – Vila Assunção

Santo André – SP – Brazil

09195-140

Tel: (11)44366155 – Fax: (11)5542-5676 – Móbile: (11)82248068

revpiva@kbonet.com.br